

De um contorno a outro: as (des)igualdades espaciais no “subir Bahia”¹

Samanta Borges Pereira, Alexsandra Nascimento e Lucas Peixoto de Lima

Resumo

Fazendo uso das imagens como instrumento de investigação e denúncia das desigualdades presentes na sociedade, este registro fotográfico circunscreve-se ao tema *organizing* e teve como objetivo identificar os contrastes presentes na Rua da Bahia, a qual liga o centro comercial de Belo Horizonte ao seu antigo centro administrativo, simbolizados, respectivamente, pela Praça da Estação e pela Praça da Liberdade. As imagens buscaram provocar reflexões sobre as relações sociais desiguais e como a organização da cidade reforça essa segregação, ilustrando as discrepâncias entre o espaço do comércio e o espaço da administração, também caracterizados como o espaço do trabalho e o espaço do poder, destacando as modificações que a Rua da Bahia apresenta durante sua extensão, conforme se aproxima de uma ou de outra praça.

Palavras-chave

Segregação Espacial. Desigualdade. *Organizing*. Rua da Bahia. Belo Horizonte.

Abstract

Using images as an instrument of investigation and denunciation of the inequalities present in society, this photographic record deals with the theme of *organizing* and aims to identify the contrasts present on Bahia Street, which connects the commercial center of Belo Horizonte with its old administrative center, symbolized respectively by Station Square and Liberty Square. The images seek to provoke reflections on unequal social relations and how the organization of the city reinforces this segregation, illustrating the discrepancies between the space of commerce and the space of

administration, also characterized as the space of work and the space of power, highlighting the modifications which Bahia Street displays throughout its extension, as it approaches one square or the other.

Keywords Spatial Segregation. Inequality. Organizing. Bahia Street. Belo Horizonte.

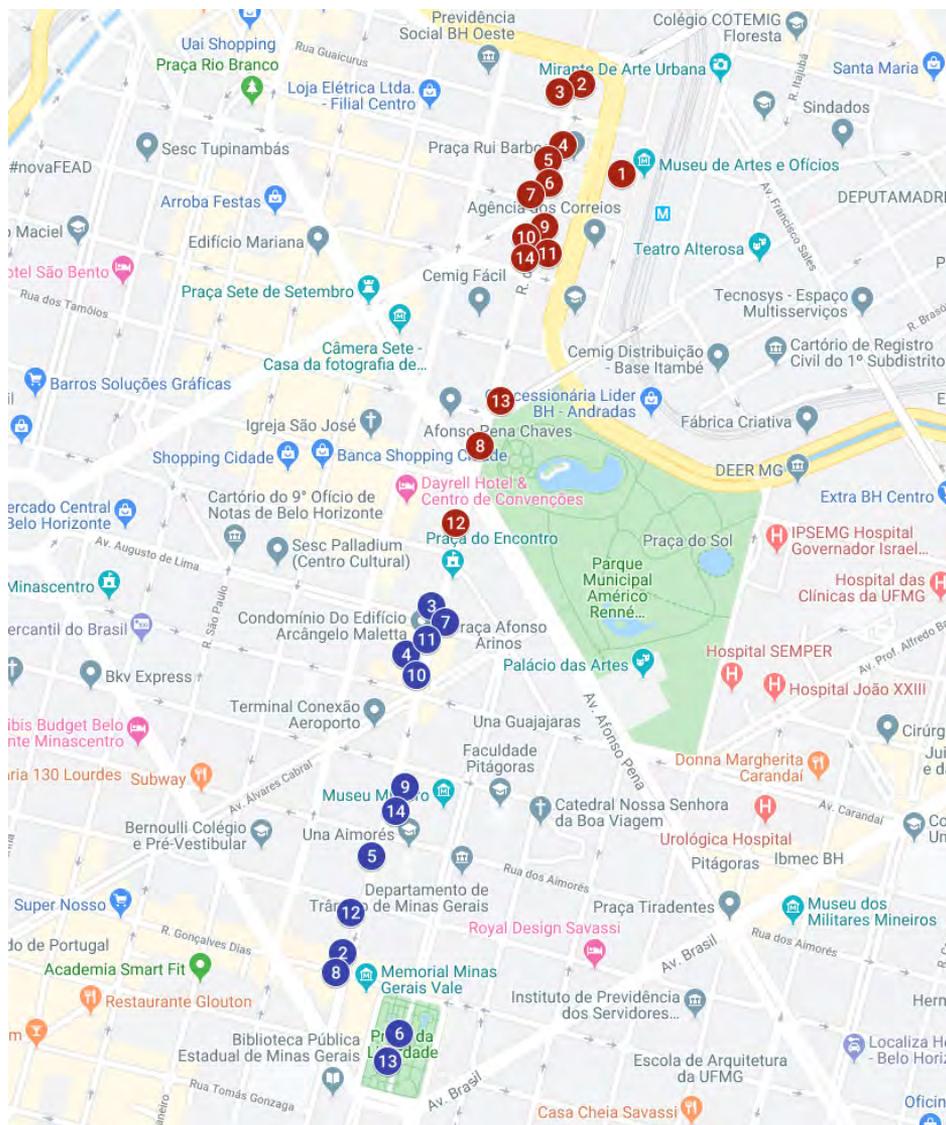
INTRODUÇÃO

Belo Horizonte foi inaugurada em 1897 sob a alcunha de Cidade de Minas Gerais, projetada pelo engenheiro Aarão Reis e foi a primeira cidade brasileira moderna planejada. A nova capital de Minas Gerais apareceu em um contexto histórico marcado pela Abolição da Escravatura e pela Proclamação da República, tendo sido “concebida e planejada nos marcos do racionalismo urbano e da ordem positivista e geométrica, para ser uma capital moderna e simbolizar uma empreitada rumo ao progresso” (BAGGIO, 2005, p. 45).

A Rua da Bahia está localizada no centro da capital mineira, passando pelos bairros de Lourdes e Santo Antônio e, juntamente com a Rua Espírito Santo, apresenta a maior extensão dentre as ruas que cruzam diametralmente a Avenida do Contorno (GUIMARÃES, 2014). Seu trajeto total de quase 03 quilômetros nunca sofreu alterações de curso e, atualmente, é considerado um importante eixo cultural da cidade (NOBRE; ALMEIDA, 2013).

Desde os primeiros anos da nova capital mineira, a Rua da Bahia interligou a estação ferroviária ao centro civil do Estado, passando pelas principais vias de comércio da cidade (GUIMARÃES, 2014). Nas três primeiras décadas do século XX, ela complementou a área central para que esta se tornasse centralidade moderna através da parceria econômica entre atores privados e o poder público (CEDRO, 2012).

Desde sua criação, sua principal característica foi a diversidade tanto no que diz respeito à situação topográfica quanto à paisagem cultural e aos diversos usos que ao longo dela se instalaram (espaços religiosos, educacionais, culturais e de entretenimento, bares, cafés, cinemas, livrarias e hotéis tradicionais), bem como da apropriação de seus espaços por diferentes grupos sociais (GUIMARÃES, 2014). O compositor Rômulo Paes (ou Rômulo Pais) homenageou esta rua com a frase “A minha vida é esta, subir Bahia e descer Floresta”, gravada em um monumento na Praça Afonso Arinos.

Figura 1 - mapa da Rua da Bahia, da Praça da Estação à Praça da Liberdade

Fonte: elaborado pelos autores, disponível no link <https://goo.gl/f9twbP>

Fazendo uso das imagens como instrumento de investigação e denúncia das desigualdades presentes na sociedade, este registro fotográfico circunscreve-se na temática do *organizing* (SOUZA; COSTA; PEREIRA, 2015) e teve como objetivo identificar os contrastes presentes na Rua da Bahia, focando em aspectos que caracterizem o espaço do trabalho e o espaço do poder.

O registro foi realizado no dia 29 de abril de 2017. Como complemento às fotografias, foi elaborado um mapa¹ que ajuda a localizar geograficamente as imagens ao ilustrar a distância entre os espaços, posicionando-os na “Bahia do Trabalho” e na “Bahia do Poder”.

ORGANIZAR E SEGREGAR A CIDADE: OS CONTORNOS DA BAHIA DO TRABALHO E DA BAHIA DO PODER

Se perguntarem se sabemos o que é cidade, provavelmente diremos que sim. Porém, se pedirem para definir “cidade”, já não há certeza se conseguiremos cumprir o solicitado. Nós intuímos o que é cidade, numa junção de imagem e noção generalista de experiências. Entretanto, a definição de um conceito é altamente complexa. O conceito de polis já não define mais a cidade contemporânea (NOGUEIRA, 2009).

A cidade é parte de um todo, mas ela também é um todo. A complexidade de sua definição leva a conceituações de práticas que a definem, sempre simbólicas, como os elementos urbanísticos, sociais, econômicos, políticos, ambientais, culturais. Na cidade moderna, a questão da segregação e seu impacto subjetivo estão presentes (NOGUEIRA, 2009).

A cidade é produto de lutas: trabalho social materializado, objetivado – produto de uma organização das relações sociais, da negociação política das diferenças (NOGUEIRA, 2009). Sua construção e organização é uma prática social viva que reflete as contradições e desigualdades presentes na cidade.

Organizar a cidade tem por objetivo responder demandas públicas ou coletivas tais como saúde, trabalho, educação, habitação, assim como a conquista da cidadania através dos conflitos de classe, gênero, étnico-raciais (RAICHELIS, 2006). Contudo, quais demandas são atendidas e de que formas elas estão organizadas e distribuídas na cidade?

O trajeto percorrido refere-se ao trecho da Rua da Bahia que se inicia no cruzamento desta com a Avenida do Contorno, marcada pela presença da Praça da Estação, na Avenida dos Andradas, seguindo até o cruzamento com a Rua Gonçalves Dias, desembocando na Praça da Liberdade, no Bairro Funcionários.

As Fotos 1 e 2 ilustram as duas praças – da Estação e da Liberdade – e a semelhança que ambas apresentam quanto ao corredor de árvores, o qual parece orientar o trajeto e estilo arquitetônico de construção bastante similares, semelhança que não se sustenta à medida que se transita de uma praça a outra.

Foto 1 - Praça da Estação



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 2 - Praça da Liberdade



Fonte: Arquivo dos autores

As Fotos 3 e 4 mostram a apropriação e uso do espaço público, a calçada/rua. Na Foto 3, a tenda de lona feita por uma pessoa em situação de rua está localizada no início da Rua da Bahia e contrasta com a Foto 4, *parklet* situado em frente ao Centro Universitário UNA – Campus Liberdade, com destaque para a sinalização que indica que o espaço é público e que o mobiliário é de acesso livre a todos, sendo vedado o uso exclusivo.

Foto 3 - Lona/abrigo de uma pessoa em situação de rua



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 4: parklet localizado no bairro de Lourdes



Fonte: Arquivo dos autores

Ainda que a sinalização indique a proibição de uso exclusivo e de livre acesso, o espaço do *parklet* não é acessado e utilizado da mesma forma pelas pessoas em situação de rua. A Rua da Bahia é um dos testemunhos mais ricos da evolução urbana de Belo Horizonte, afirma Guimarães (2014). Contudo, a evolução invocada pelo autor é unilateral e segregária. Possibilita o uso do espaço público com conforto para uns, esquece e exclui outros. Os espaços privatizados surgem como novo padrão de segregação espacial e o maior argumento é o medo do crime violento (MEDEIROS; VALADÃO JUNIOR; FERREIRA, 2008).

Na forma de assistir socialmente à população, também há diferenças perceptíveis entre “um contorno e outro”. Na Praça Rui Barbosa, local onde há grande presença de pessoas em situação de rua, presenciamos a atuação de duas freiras (Foto 5) que conversavam com essas pessoas, na tentativa de oferecer algum tipo de apoio. Na Igreja Nossa Senhora de Lourdes (Foto 6) é oferecido atendimento social e psicológico e o espaço de espera assemelha-se a um café.

Na Bahia do Trabalho, as representantes religiosas vão ao encontro daqueles que precisam de algum tipo de assistência. Já na Bahia do Poder, a igreja disponibiliza um espaço para que as pessoas busquem ajuda espontaneamente. Posturas diferentes de uma mesma crença também são indicativos de que classes diferentes recebem tratamentos diversos.

Foto 5 - freiras assistenciais na Praça Rui Barbosa



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 6 - Atendimento social prestado pela Basílica de Lourdes



Fonte: Arquivo dos autores

O domínio do espaço sempre foi utilizado para segregar classes sociais (MEDEIROS, VALADÃO JUNIOR, FERREIRA, 2008). As consequências da segregação são a exclusão social ou uma inclusão precária (RAICHELIS, 2006).

Ainda na Praça Rui Barbosa, localizada em frente à Praça da Estação, um homem está deitado no banco junto com um saco de latinhas de alumínio (Foto 7). Na Praça da Liberdade, duas jovens estão sentadas no chão gravando um vídeo (Foto 8). As imagens contrastam duas formas de utilização do espaço público. O lazer das jovens destoa da tentativa de descanso do catador de latinhas. A cidade, enquanto território, é um lugar de disputa e, na apropriação dos espaços, os lugares são definidos (NOGUEIRA, 2009).

Foto 7 - Catador de latinhas descansando na praça



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 8 - Jovens gravando vídeo na Praça da Liberdade



Fonte: Arquivo dos autores

As Fotos 9 e 10 localizam uma publicidade sobre curso supletivo pregada em um orelhão na Bahia do Trabalho e a presença de cursinho pré-vestibular na Bahia do Poder, respectivamente. A localização da propaganda e do preparatório não são ao acaso e representam as diferentes oportunidades em relação ao acesso à educação formal, em conformidade com aqueles que transitam em um ponto ou outro.

Foto 9 - Anúncio em orelhão de curso supletivo



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 10 - Cursinho pré-vestibular



Fonte: Arquivo dos autores

Os registros fotográficos foram realizados um dia após a paralisação nacional do dia 28 de abril de 2017. A data marcou a maior paralisação da história do país, em um contexto de crise na conjuntura nacional. As Fotos 11 e 12 ilustram duas agências da Caixa Econômica Federal, ambas localizadas na Rua da Bahia.

Foto 11 - Agência da Caixa em greve



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 12 - Agência da Caixa em funcionamento



Fonte: Arquivo dos autores

A agência ilustrada na Foto 11, localizada na Bahia do Trabalho, próxima à Avenida Afonso Pena, possui cartazes de protesto informando que a agência estava em greve. Já a Foto 12 mostra outra agência do mesmo banco, fotografada no mesmo dia, sem nenhum cartaz referente à greve ou à crise nacional.

Diante da crise conjuntural pela qual passa o Brasil, o contraste das agências não foi o único, conforme pode ser observado nas Fotos 13 e 14.

Foto 13 - Manifestação “Fora Temer” debaixo do Viaduto Santa Tereza



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 14 - Manifestação sobre “Intervenção Militar” na Praça da Liberdade



Fonte: Arquivo dos autores

Debaixo do Viaduto Santa Tereza, na “Bahia do Trabalho”, havia uma pichação pedindo um “Fora Temer” (Foto 13). Já na Praça da Liberdade, o cartaz, um dentre vários que estavam pendurados nas árvores da praça, pedia intervenção militar (Foto 14).

Tanto a segregação espacial quanto a social são características importantes da cidade, já que apoiam padrões de diferenciação e separação (CALDEIRA, 2000). A segregação urbana não se apresenta nem se explica somente na forma centro-periferia (VILLAÇA, 2011).

As Fotos 15 e 16 demonstram dois estabelecimentos que definem, em seus nomes, a identidade.

A Foto 15 ilustra uma loja chamada “*Todo Black*”, com a descrição de Instituto de Moda, Cultura e Beleza Afro-brasileira. A Foto 16 mostra a fachada de um edifício residencial de nome “*Baía Blanca*”. Para Raichelis (2006), a segregação espacial e social organiza o espaço urbano através de regras que se apoiam em padrões de diferenciação social e de separação.

Foto 15 - Instituto Todo Black



Fonte: Arquivo dos autores

Foto 16 - Edifício *Baía Blanca*

Fonte: Arquivo dos autores

As relações entre espaço e sociedade se dão de forma que os empregos, os espaços privilegiados da cidade, a mobilidade, o comércio, estejam em função das classes dominantes (VILLAÇA, 2011). A transformação das metrópoles em cidades globais intensificou as desigualdades sociais pela polarização social e pela segregação urbana (CARVALHO, 2000). A segregação é a mais importante manifestação espacial urbana da desigualdade que impera em nossa sociedade (VILLAÇA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que organizar a cidade? Para atender demandas coletivas (RAICHELIS, 2006) ou para recuperar funções econômicas ou ainda para valorizar as potencialidades locais (MONIÉ VIDAL, 2006), para cuidar do patrimônio histórico, interferindo nos processos de decadência dos centros urbanos (VELHO, 2006). Há diversas justificativas para organizar a cidade, mas a pergunta é: para quem se organiza a cidade? Quem se beneficia e quais as sequelas resultantes do organizar a cidade? Por que a cidade é usufruída por um grupo e

não por outro? Há aceitação do *parklet*, mas não se aceita uma lona na calçada? O acesso ao *parklet* é realmente para todos? Sentar no chão da Praça da Liberdade ou deitar-se no banco da Praça Rui Barbosa têm significados semelhantes? “Baía Blanca” é somente um simples nome de um edifício residencial ou sinal de uma exclusão social?

As primeiras imagens que percebemos na Rua da Bahia, ao iniciar o trajeto, remetem às pessoas em situação de rua, deitadas nos bancos das praças ou embaixo de suas lonas/moradias, algumas delas conversando com duas freiras, em convivência com outras pessoas que ocupavam a praça, mais especificamente, a Praça Rui Barbosa, em uma espécie de debate e roda de conversa. É marcante também os trabalhos de arte de grafite misturados com a pichação, incluindo prédios históricos como o antigo Instituto de Química da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O percurso foi realizado em uma manhã de sábado e, talvez pela previsão de que seria um dia de chuva, não havia tanto movimento quanto se esperava. Ainda assim, a presença do comércio é muito forte, com todo tipo de estabelecimento: lanchonetes, restaurantes, salões de beleza, lojas de presentes e acessórios, destas que extrapolam os limites internos da loja e seduzem os consumidores que caminham pelas calçadas. Um comércio que poderíamos chamar de popular, com restaurantes que servem os famosos PF (prato feito), servidos em balcões estreitos, lanchonetes com promoções de salgado e suco, lojas de artigos de umbanda, candomblé e esotéricos, por exemplo.

O trecho entre a Avenida dos Andradas até cruzar a Avenida Afonso Pena trouxe uma certa apreensão quanto à nossa segurança. Mais de uma vez fomos alertadas por pessoas que caminhavam na rua para que tomássemos cuidado com os nossos celulares, já que estávamos usando-os para fazer os registros. Informaram-nos que muitos roubos e furtos ocorriam naquele pedaço. Porém, também foi nessa fração da Rua da Bahia, e no seu cruzamento com a Avenida Afonso Pena, que percebemos um fervor cultural e político, na forma da arte transgressora ou nas frases escritas em muros e paredes, sobre luta e resistência.

À medida que avançamos, mais próximas à Avenida Augusto de Lima, a organização e a estética vai se modificando. Há menos pichações e os prédios históricos se apresentam mais preservados, como a Livraria Francisco Alves. As lanchonetes são substituídas por “cafés” estilo colonial, com uma arquitetura requintada, ainda que as lanchonetes também estejam presentes. Os restaurantes também têm um outro padrão visual: são amplos, decorados, com garçons uniformizados. Ao invés de loja de artefatos de religiões de matriz africana, encontra-se uma livraria católica. Ao invés de salão de beleza, existe um centro de estética. Até mesmo uma loja de presentes e acessórios, com artigos semelhantes aos da loja da ‘Bahia de baixo’, possui espaço mais amplo, com organização geométrica dos produtos pelo interior da loja, diferentemente da loja anterior, a qual ocupa um espaço que possibilita pouca circulação das pessoas e até mesmo dos vendedores dentro da loja, numa organização assimétrica dos produtos pelas paredes internas e externas à loja.

Caminhamos mais e chegamos aos arredores da Basílica Nossa Senhora de Lourdes, igreja de estilo neogótico, famosa pelos casamentos que nela são realizados. Nesse trecho, os postes de iluminação são decorados com pinturas e até a temperatura parece ser mais branda. O

contraste se deu com a presença de uma pessoa em situação de rua, a qual estendeu suas roupas para secar na árvore em frente à igreja, roupas que devem ter se molhado na forte chuva da noite anterior. Poucos passos à frente, estudantes universitários ocupavam um *parklet* e conversavam alegremente.

Ao atravessarmos a rua para chegarmos na Praça da Liberdade, percebemos que havia um semáforo sonoro para deficientes visuais e nos lembramos de que, na ‘Bahia de baixo’, tínhamos visto uma pessoa ajudando um cego a atravessar a rua. Ao caminharmos pela praça, os contrastes e os incômodos iam se fazendo presentes dentro de nós. A juventude ocupava os gramados com seus corpos e suas conversas. Não vimos ou não percebemos pessoas em situação de rua nesse espaço. Alguns fotógrafos registravam a vida que ali circulava, “enfeitadas” pela beleza da praça. Um forte impacto emergiu quando percebemos os cartazes com pedidos de intervenção militar. Já era hora de voltar para casa.

Passamos todos os dias pelas ruas das cidades. Diariamente, acessamos estabelecimentos comerciais, edifícios ou usufruímos de uma praça. Acostumamo-nos a ignorar as diferenças, pois os olhos já não enxergam mais. As fotografias aqui registradas desenredam a desigualdade, óbvia ou sutil, presente em nossa sociedade, ainda que contra imagens possa haver argumentos. Porém, os registros apresentados podem ser utilizados como um instrumento de imputação da segregação social, da qual o poder público, o mercado e toda a sociedade devem estar cientes, sendo todos corresponsáveis pela solução. Ao poder público, cabe pensar uma cidade para todos e não apenas a cidade-consumo, cidade-mercadoria. À sociedade, cabe a militância, a cobrança junto ao poder público e privado, a indignação e a ação cidadã de solidariedade e respeito à vida em toda a sua complexidade e pluralidade.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em: jul. 2019. Aceito para publicação em: abr. 2020.
- 2 O mapa pode ser visualizado no link <<https://goo.gl/f9twbP>>.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, U. C. **A luminosidade do lugar - circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte**: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza. 2005. 221f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-02022006-135000/pt-br.php>>. Acesso em: jun. 2017.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, M. Cidade global: anotações críticas sobre um conceito. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 70-82, out./dez. 2000. Disponível em: <<http://www>.

scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400008>. Acesso em: abr. 2017.

CEDRO, M. Praça Sete, Rua da Bahia e Praça da Liberdade: Rotas Urbanas da Centralidade Moderna Belo-Horizontina. Resumo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS, 3, 2012, Salvador. **Anais...** Salvador: URBICENTROS, 2012, p. 63-63. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST127.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

GUIMARÃES, M. B. Sinalização Interpretativa do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte: Roteiro Rua da Bahia. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO - DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Colóquio, 2014, p. [1-17]. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/204.pdf>>. Acesso em: jun. 2017.

MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JUNIOR, V. M.; FERREIRA, A. P. Condomínios horizontais fechados: segregação do espaço social. **Revista Eletrônica de Administração**, Franca, v. 11, ed. 12, s. p., jan./jul. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unifacel.com.br/index.php/rea/article/viewFile/210/62>>. Acesso em: mar. 2017.

MONIÉ VIDAL, S. M. S. C. Cidades, portos e cidades portuárias na era da integração produtiva. **Revista de Administração Pública (RAP)**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 6, p. 975-995, nov./dez. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6867/5440>>. Acesso em: maio 2017.

NOBRE, C. A.; ALMEIDA, M. G. **Rua da Bahia: espaço de mutação. Uma análise entre a história e o design.** Relatório de Pesquisa. Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 21, n. 1, p. 69-86, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/Fractal/article/view/195/270>>. Acesso em: abr. 2017.

RAICHELIS, R. Gestão pública e a questão social na grande cidade. **Lua Nova**, São Paulo, n. 69, p. 13-48, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n69/a03n69.pdf>>. Acesso em: abr. 2017.

SOUZA, E. M.; COSTA, A. S. M.; PEREIRA, S. J. N. A Organização (in)corporada: ontologia organizacional, poder e corpo em evidência. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, out./dez, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n4/1679-3951-cebape-13-04-00727.pdf>>. Acesso em: abr. 2017.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. **Revista Mana**, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a09v12n1.pdf>>. Acesso em: abr. 2017.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, Fabesp, 2001.

**Samanta
Borges Pereira**

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), investigando as experiências de pesquisas com temas sensíveis nos Estudos Organizacionais. Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), investigando Turismo e Desenvolvimento. Graduada em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Membro do LETRA (Laboratório de Estudos Transdisciplinares), vinculado ao PPGA/UFLA.

**Alexandra
Nascimento**

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduada em Administração pela mesma Universidade. Administradora na Universidade Federal de Minas Gerais. Atua também na área de Estudos Organizacionais, especialmente com Marginalidade nas Organizações, Subjetividades capitalísticas, Gênero e Estratégia como Prática Social.

**Lucas Peixoto
de Lima**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), pesquisando os discursos e visões de mundo de algoritmos inteligentes de plataformas de streaming. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), na linha de pesquisa de Desenvolvimento e Sociedade.